

---

Schiller, Friedrich. *Intriga e Amor*. Tradução de Mario Luiz Frungillo. Curitiba: UFPR, 2005, 154 pp.

---

Algo branco do original pode se tornar em algo preto na tradução, um «sim» do autor pode ser «não» na tradução? Pode, sim. É o que acontece nesta tradução de «Intriga e Amor». Na segunda cena do segundo ato o camareiro original fala «Ja, gnädige Frau» («Sim, madame») e na tradução nos vemos «Não, madame» (40). Erro, lapso, escândalo? É, na verdade, o contrário, é somente um exemplo para mostrar como a tradução do professor Mario Luiz Frungillo é independente e sensível. O «Ja» do camareiro não é nenhuma afirmação, é muito mais uma colocação reflexiva e retórica. Em português é diferente: o «Não» é a reação certa do camareiro às perguntas retóricas da Lady Milford: «E eu não ouvi nada? Eu não percebi nada?» Aqui a colocação não é reflexiva mas se trata de uma confirmação do discurso em forma negativa.

«Kabale und Liebe», a peça de Schiller de 1784, foi traduzida para inúmeras línguas: para o inglês já

em 1795, para o francês em 1799. Ganhou traduções para o húngaro, tcheco, russo, búlgaro, ucraniano, uzbeko, chinês, várias traduções para o coreano, pelo menos quatro traduções diferentes para o árabe.

Tínhamos que esperar até 2005, ano do bicentenário da morte de Schiller com uma série de comemorações na Alemanha, para poder saudar a primeira tradução desta «tragédia burguesa em cinco atos» para o português do Brasil. Esta demora surpreende se se considera que «Intriga e Amor» não é uma peça teatral qualquer mas uma das produções mais significativas do teatro alemão. Foi, inclusive, a contribuição de Schiller ao gênero da «tragédia burguesa» alemã, na época principalmente representada pelos trabalhos de Lessing: «Miss Sara Sampson» de 1755 e «Emilia Galotti» de 1772 e com conseqüências até para o teatro alemão da modernidade (Fassbinder: «Bremer Freiheit», por exemplo).

A edição aqui em discussão inclui um posfácio do próprio tradutor que consegue muito bem contextualizar a obra de Schiller. Comete um engano, contudo, quando fala -duas vezes- do «enredo bastante complicado» da peça

(149, 150). Na verdade, o enredo de «Intriga e Amor» é muito menos complexo do que a estrutura de outras peças da época. Um breve resumo do texto seria o seguinte:

O Presidente von Walter arranjou o casamento do filho Ferdinand com Lady Milford, favorita do príncipe daquele Estado. O arranjo paternal faz parte do jogo de poder da corte, é um elemento do esquema de troca de favores. Mas acontece que o filho não colabora; ele ama Luise, filha do músico Miller, e pretende casar com ela. Entra em cena o secretário particular do presidente, chamado Wurm, «verme» em alemão. Este secretário está pessoalmente interessado no casamento de Ferdinand com a dama britânica, pois também se apaixonou pela filha do músico.

Wurm então se dedica à tarefa de prejudicar seu antagonista. Toda a hierarquia dos aristocratas, com a única exceção de Ferdinand, monta um esquema de chantagem mútua. A finalidade do casamento era manter Lady Milford nas proximidades do príncipe mas Milford se apaixonou de verdade por Ferdinand, o Major von Walter. No segundo ato ela fala de «fraudadores fraudados» (38) referindo-se ao grupo inteiro de

aristocratas («o fraco príncipe – o ardiloso Barão von Walter – o tolo marechal»). É também a dama Milford que se dá conta das arbitrariedades políticas do príncipe e das injustiças sociais causadas pela política absolutista. Ao descobrir que Ferdinand e Luise se amavam, Milford decide deixar o país. A fuga é também a intenção do casal Ferdinand e Luise mas a moça, presa às convenções da família burguesa, hesita em deixar o pai - fato que Ferdinand interpreta como falta de paixão. Para realizar o esquema do presidente o secretário recomenda prender os pais de Luise. O próprio presidente se surpreende com o gesto maldoso do secretário («O discípulo supera o mestre», reconhece ele; 69). A idéia é forçar Luise a escrever uma carta comprometedora endereçada ao marechal da corte von Kalb, a figura mais caricatural e *kitsch* dentro do drama. E ela jura jamais revelar o caráter forçado dessa correspondência. Por acaso, é justamente Ferdinand que encontra a carta e então passa a considerar Luise uma traidora da paixão aristocrata-burguesa. Não vê outra saída além do suicídio: envenenando-se e a amada. No breve diálogo que antecede a morte, Luise revela a intriga fatal envolvendo a

carta. Ambos morrem, pois, novamente apaixonados.

Nos meados do século XVIII, portanto, o gênero inovava ao incluir personagens burguesas na tragédia. Seguindo os exemplos de Lillo na Inglaterra e Diderot na França os autores alemães daquela época que costumamos de chamar de «Tempestade e Ímpeto» conseguiram emancipar o burguês e torná-lo capaz de participar não somente de comédias, mas também de tragédias.

Detenho-me na tradução aqui apresentada para analisar alguns aspectos mais específicos e discutir algumas decisões do tradutor. Quais teriam sido as dificuldades da tradução de «Intriga e Amor»? Em primeiro lugar, são mais de 200 anos desde o lançamento do original - 200 anos de mudanças sociais e políticas mas também lingüísticas, estilísticas, retóricas. «Kabale und Liebe», peça encenada até hoje inúmeras vezes, não é de fácil legibilidade para o alemão de instrução média.

O texto, mesmo não sendo em versos, é escrito no estilo elegante do final do século XVIII o que significa, por exemplo, um grande número de expressões em francês e, sendo assim, de difícil acesso para um leitor atual, sem forma-

ção específica. Na tradução, este tom aparece, mas minimizado. Frungillo não comete o erro de trocar sempre o «francês alemão» pelo «francês brasileiro». Às vezes, sim («mon Dieu», 75; «Ciel!», 113); mas a princípio a tradução respeita as particularidades das expressões francesas no contexto alemão que é diferente das inserções afrancesadas do contexto brasileiro contemporâneo. Ridicularizam os protagonistas aristocratas através do seu discurso vazio. É claro que na época de Schiller as barreiras sociais eram também barreiras lingüísticas, e a emancipação lingüística era tão utópica quanto a emancipação social: «quando a barreira da desigualdade cair - quando esta odiosa diferença de condição se descolar de nós como uma casca - e os homens forem apenas homens» (19) diz Luise no primeiro ato. A opção do tradutor pela tradução das expressões francesas talvez seja uma demonstração de que a influência dessa língua no português logrou uma assimilação mais suave. Na língua alemã, por sua vez, essas expressões, contudo, não esmaecem naturalmente, mantêm-se destacadas.

O tradutor não se detém nas formas antiquadas do alemão, atestando fluência e simplicidade. Para

dar somente um exemplo: Schiller escreve «Dinte» ao invés de «Tinte», detalhe histórico da ortografia alemã sem nenhuma relevância no contexto da peça; Frungillo traduz com «tinta» (88) sem registrar particularidade.

No campo do léxico o tradutor se mostra também extremamente hábil: nunca, por exemplo, tenta recuperar anacronismos irrelevantes e sempre dá prioridade à legibilidade do texto. Em alemão, por exemplo, não é óbvio para o leitor moderno o significado de «Spinnhaus»; a versão brasileira, no entanto, não deixa nenhuma dúvida: é o «presídio feminino» (83).

Com frequência, o músico Miller, sua mulher e também o marechal se atrapalham na linguagem elegante e no alemão padrão, cometem erros. O marechal, por exemplo, fala ao presidente «Sie sind ein Stuttierter!» ao invés de «Sie sind ein Studierter!» - o poderoso político sem domínio da língua materna, uma refinada ironia. Não seria difícil reproduzir essa ironia, o marechal poderia dizer «O senhor é um intoelectual!» O tradutor, no entanto, não faz questão de reproduzir a brincadeira, pois ela só é brincadeira em alemão e escreve simplesmente «O senhor é um homem instruído»

(75).

Outro exemplo é a fala da mãe de Luise, a mãe ambiciosa, interessada no casamento da filha com um aristocrata. Ela tenta empregar o discurso da corte mas o resultado é grotesco: «digüschtieren» ao invés de «digustieren». A tradução não reflete este humor: «não devemos desgostar o major» (12). São decisões do tradutor de não imitar fenômenos intimamente ligados à língua alemã. Outra alternativa talvez fosse trazer um tom diferente e meio enigmático. Frungillo opta pela forma mais «clean», mais pragmática.

A mesma decisão observamos no caso dos nomes próprios que o tradutor mantém na forma original. Essa decisão traz perdas inevitáveis pois a peça é cheia de alusões. Várias vezes se fala em «verme», uma alusão clara ao secretário do presidente e, além disso, às maldades dos aristocratas em geral. A alusão passa despercebida em português como o nome do secretário permanece em alemão: Wurm. Uma vez «verme» até é traduzido como «dragão» (67) - o que combina com o contexto.

Concluindo: a tradução consegue de maneira exemplar manter o tom do original. Para exemplificar a qualidade da transposição,

cito, na íntegra, a carta de despedida da Milford ao príncipe: «Excelentíssimo Senhor – um contrato que o senhor rompeu tão levemente não pode mais me prender. A felicidade da sua terra era a condição do meu amor. Por três anos perdurou a fraude. A venda caiu-me dos olhos; eu abomino favores dos quais gotejam as lágrimas dos súditos. – Dê o amor

a que eu já não posso corresponder a sua pátria em prantos, e aprenda com uma princesa britânica a ter misericórdia do seu povo alemão. Em uma hora terei cruzado a fronteira. - Johanna Norfolk» (112/113).

Dentro da tradição literária alemã, trata-se de um texto clássico - agora disponível na edição brasileira.

Werner Heidermann  
UFSC

---